



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



A APLICAÇÃO DA TEORIA DO PSICODRAMA NA PRÁTICA COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Gleide Regina de Sousa Almeida Oliveira

Resumo

A violência conjugal é um fenômeno complexo, baseado na diferença entre os sexos numa relação íntima. Pelo número de vítimas e magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em vários países. Muitas mulheres mantêm este fenômeno silenciado em suas relações familiares, sendo um fato naturalizado entre estas famílias. Devido aos vários setores e aspectos sociais que a violência atinge, existe uma dificuldade na abordagem destas mulheres, pois a experiência da violência é subjetiva e muitos dos profissionais que as atendem não possuem a habilidade para trabalhar com algumas destas questões. Este estudo propõe, desta forma, uma reflexão acerca da Teoria do Psicodrama como uma modalidade de intervenção na prática dos profissionais que fazem atendimento às mulheres em situação de violência conjugal. Este recurso possibilita, desta forma, a compreensão e possível resolução dos conflitos das mulheres que vivenciam a violência conjugal.

Palavras-Chave: Violência contra a mulher; relações familiares; psicodrama



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



ABSTRACT

Domestic violence is a complex phenomenon based on the difference between the sexes in an intimate relationship. By the number of victims and magnitude of organic and emotional consequences that it produces, has acquired an endemic and has become a public health problem in many countries. Many women remain muted this phenomenon in their family relationships, being a fact naturalized between these families. Due to various sectors and social aspects that violence reaches, there is a difficulty in approaching these women, because the experience of violence is subjective and many of the professionals who serve do not have the ability to work with some of these issues. This study proposes, therefore, a reflection on the Theory of psychodrama as a form of intervention in the practice of professionals who care for women in situations of domestic violence. This feature allows thus the understanding and possible resolution of the conflicts of women who experience domestic violence.

Keywords: Violence against women; family relations; psychodrama

A TEORIA DO PSICODRAMA E A VIOLÊNCIA CONJUGAL



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



O fenômeno da violência contra as mulheres acarreta sérias e graves consequências para o pleno e integral desenvolvimento das mulheres, comprometendo o exercício da cidadania, dos direitos humanos e o desenvolvimento socioeconômico do país.

A violência de gênero perpetrada contra as mulheres é um fenômeno de elevada frequência nas diferentes sociedades, acrescido do fato de que esses eventos muitas vezes são invisibilizados, não notificados ou são atribuídos a outras causas. Para esta invisibilização da violência conjugal, o Psicodrama, representa a forma dramática e espontânea do encontro entre seres humanos, daí sua força e características peculiares (FONSECA, 1980).

Numa pesquisa realizada com 2002 pessoas do sexo masculino e feminino de todas as regiões do país, 55% dos entrevistados conhecem casos de agressões a mulheres; 39% dos que conhecem uma vítima de violência tomaram alguma atitude de colaboração com a mulher agredida; 56% apontam a violência doméstica contra as mulheres dentro de casa como o problema que mais preocupa a brasileira. Houve expressivo aumento do conhecimento da Lei Maria da Penha de 2008 para 2009, de 68% para 78%; a maioria defende prisão do agressor (51%); mas 11% pregam a participação em grupos de reeducação como medida jurídica (IBOPE, 2009).

Segundo a mesma pesquisa, na prática, a maioria não confia na proteção jurídica e policial à mulher vítima de agressão; 44% acreditam que a Lei Maria da Penha já está tendo efeito; 48% acreditam que exemplo dos pais aos filhos pode prevenir violência na relação entre homens e mulheres. Este quadro estatístico representa a tendência de crescimento observada nos últimos levantamentos e indica que é contínuo o avanço da discussão sobre violência doméstica na sociedade, além influência da Lei Maria da Penha, que trouxe o debate para a mídia e conseqüentemente deixou as pessoas mais informadas e suscetíveis ao problema (IBOPE, 2009).

Muitas mulheres em situação de violência mantêm este fenômeno silenciado em suas relações familiares, sendo um fato naturalizado entre as famílias brasileiras e do mundo. A violência de gênero, além de um problema de saúde pública, é também um problema social, um fenômeno mundial, que não respeita fronteira de classe social, raça/etnia, religião, idade e



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



grau de escolaridade. Este estudo propõe, desta forma, uma reflexão acerca da Teoria do Psicodrama como uma modalidade de intervenção na prática dos profissionais que atendem as mulheres em situação de violência conjugal, seja na área de saúde ou outros profissionais inseridos na rede de atendimento à mulher.

O instrumento sugerido para o trabalho com as mulheres em situação de violência conjugal, pertence ao conjunto de estratégias utilizadas no Psicodrama, sendo um recurso técnico a partir do qual é possível trabalhar um tema comum ao grupo, sem que com isto sejam expostos aspectos individuais dos participantes. No método psicodramático os procedimentos terapêuticos podem ser abertos ou fechados. Para Moreno, o tratamento aberto, como é o caso do Sociodrama, é realizado no seio da comunidade (“in situ”) e a essência é a situação social comum compartilhada por vários sujeitos, para que se avaliem as forças atuantes no grupo. Este recurso, portanto, possibilita trabalhar com grupos, visualizando seus conflitos internos e fazendo com que, a partir de sua compreensão, estes conflitos possam ser resolvidos (MARRA; COSTA, 2004).

A forma de organização e de produção das ações de saúde vem sendo modificada ao longo dos últimos anos como resposta da conjuntura do campo social, político e científico que passa a identificar hiatos no modelo de atenção centrado no biológico (ABRAHÃO; FREITAS, 2009). O trabalho com grupo educativo configura um território voltado para a produção do cuidado em saúde, para a pesquisa e a criação de novos modos de agir em saúde, comprometidos com a vida (SOUSA *et al*, 2008).

Grossi e Werba (2001) relatam as dificuldades nos atendimentos das mulheres em situação de violência, pois nunca se sabe exatamente o grau e o tipo de violência enfrentado por estas mulheres, uma vez que a experiência da dor é absolutamente subjetiva. Os modelos psicoterápicos tradicionais não oferecem suporte necessário para uma primeira escuta e sabe-se que o exato primeiro momento pode ser decisivo na tomada de decisões posteriormente. Assim, o método de acolhimento das mulheres em situação de violência deve ser analisado e planejado para que a mulher tenha autonomia dos seus atos e consiga intervir em sua própria vida.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



A mulher que vivencia a violência conjugal está inserida, portanto, num ciclo de violência e a sua quebra é um trabalho complexo. Não é só pelo fato da mulher abrir espaço para ajuda, desabafar ou denunciar o companheiro que os atos violentos irão cessar. Ela precisa de ajuda multiprofissional para ultrapassar e bloquear as medidas de represálias do companheiro frente a esta denúncia e as consequências para a família. A mulher participando de um grupo de Encontro baseado no Psicodrama representa o primeiro passo para o rompimento do silêncio que prevaleceu até o momento no âmbito privado, sendo a dramatização um método que busca a verdade mediante a ação.

Para Moreno o grupo é mais que um conjunto de pessoas, é a conjugação de subjetividades em estruturas sociométricas derivadas da realização de um projeto dramático comum (BATISTA, 2008). Estima-se que pelo menos um quinto da população feminina mundial já tenha sofrido violência física ou sexual em algum período da vida. Ainda na compreensão de Moreno, o homem é um ser essencialmente social, um homem em relação, co-criador do universo, uma centelha divina, agente de sua história e construtor de seu drama junto daqueles com quem convive no seu átomo social (MARRA; COSTA, 2004). A técnica Psicodrama, portanto, socializa o drama com outras mulheres que estão vivenciando um relacionamento violento, tornando-se agente de suas próprias ações e resultados.

Acredita-se que, pelo fato de o grupo reunir pessoas com características comuns, como pessoas com foco na violência conjugal, esta problemática seria expressa e trabalhada enquanto conteúdo emergente do grupo sob condições facilitadoras que propiciassem um clima de confiança para a ocorrência do encontro em um espaço seguro para a auto-expressão e troca de experiências (MOREIRA, 1999). O dicionário Aurélio define confiança como segurança íntima de procedimento, crédito, boa fama, segurança e bom conceito que inspiram as pessoas de probidade, talento, discrição, esperança firme, familiaridade. Uma das características importantes de um processo psicoterápico grupal é o estabelecimento de vínculo de confiança entre todos os participantes do grupo (GULASSA, 2007).

Segundo Aguiar (1998), para que a dramatização ocorra de maneira harmoniosa, é imprescindível que alguém as coordene. O que caracteriza o diretor do teatro espontâneo, no



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Psicodrama, é a atribuição do diretor de função especificamente terapêutica. Trata-se de um equilíbrio dinâmico, somente alcançável quando se estabelece, a nível grupal, uma relação de caráter télico.

A exibição da vivência e do cotidiano de cada uma das mulheres em situação de violência conjugal, através da dramatização, deve ser realizada num ambiente de confiança, baseado num contrato e na continência (GULASSA, 2007). A espontaneidade deve emergir do grupo como forma de representar importantes experiências internas. Moreno explica que a espontaneidade é a resposta de um indivíduo ante uma situação nova e a nova resposta a uma situação velha (FONSECA, 1980).

Segundo Batista (2008), a troca de saberes entre todos, mesmo que se trate de um não saber, estimula o grupo a buscar respostas, incentiva e democratiza o poder do falar antes só permitido ao palestrante. No agrupamento de mulheres em situação de violência conjugal com uma mesma problemática emergente, procura-se possíveis respostas para o problema, cada uma tentando uma forma de buscar sentidos para a sua vivência.

O diretor, no trato com o protagonista, fio condutor do processo dramatúrgico, tem que explorar todas as possibilidades cênicas da situação proposta, cabendo-lhe investigar os conteúdos emocionais que atravessam a história embrionária e seus desdobramentos, rastrear e estimular fantasias, facilitando e valorizando ao mesmo tempo os movimentos criativos (AGUIAR, 1998).

A legitimação da dominação masculina baseada no sexo que se converte em desigualdades de gênero é um fator preponderante na perpetuação da violência praticada pelos homens contra as mulheres. Ainda a situação de violência banalizada e continuada que sofrem as mulheres no seu cotidiano doméstico e familiar, não se reverte espontaneamente: é uma escalada que precisa ser denunciada (ARAÚJO; MATTIOLI, 2004). O Psicodrama insere-se neste contexto, pois para Moreno esta técnica é um procedimento particularmente adequado para o estudo das inter-relações culturais de pessoas que estão num processo contínuo de interação e permuta de valores, mas que requer um planejamento de cuidados.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



A violência conjugal é um fenômeno polissêmico que se expressa de várias formas: abusos psicológicos, maus tratos físicos, abusos sexuais e outros. As conseqüências advindas da violência conjugal são amplas e, sobretudo representadas por uma história de agressões, quando a mulher permanece no âmbito privado da violência num contexto de relação afetiva e sexual (MINAYO; SOUZA, 1999).

No mundo civilizado, existe uma tendência de substituir a espontaneidade pelas “conservas culturais”. Cada vez menos, no mundo moderno, o indivíduo tem chance de responder livre e adequadamente a estímulos novos. As respostas sociais estão condicionadas por normas, por regras (FONSECA, 1980). As mulheres incididas pela violência conjugal sentem-se geralmente inseguras em compartilhar seus anseios, suas angústias, mas quando se deparam num grupo de mulheres que vivenciam algo semelhante, elas sentem-se fortes e preparadas para superar a violência conjugal.

Morgado (2004) constata que a violência doméstica e o estupro são a sexta causa de morte ou incapacidade física em mulheres de 15 a 44 anos, mais do que todo tipo de câncer, acidentes de trânsito e vitimização em situações de guerra. Desta forma, enfraquece o papel social da mulher no interior do lar, tendo efeitos reais e difusos sobre a situação psicossocial e de saúde dos filhos, o que repercute no aumento da violência social.

Assim, as mulheres que participam de um Grupo de Encontro podem ter sido vítimas de várias violências sexuais, psicológicas e físicas que permeiam suas vidas e ainda precisam representar papéis que a sociedade patriarcal lhe cobra como ser mãe, dona de casa e esposa.

A mulher no cenário psicodramático vivencia a perspectiva de um mundo novo, de um momento novo não vivido na vida do passado (FONSECA, 1980). Segundo a Teoria Moreniana, a espontaneidade e criatividade são pilares conceituais desta teoria, condições indispensáveis para o bom desenvolvimento dos diferentes papéis sociais, pelos quais se dão todas as relações humanas, tanto mais saudáveis quanto mais flexíveis, espontâneas e criativas.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Pesquisa realizada pela Redesaúde (2001) aponta que o marido ou companheiro são os responsáveis por 56% dos espancamentos, 53% das ameaças com armas e 70% da destruição dos bens. A vivência do momento atual destas mulheres, no cenário psicodramático, é um convite a uma comunicação humana transformadora. O Psicodrama Moreniano concebe o encontro do homem com o seu semelhante, de tal modo que o Eu passa a ser Tu e o Tu se transforma em Eu, é a apologia de uma comunicação perfeita através da inversão (Eu-Tu; Tu-Eu), na busca de um Encontro (FONSECA, 1980).

COMENTÁRIOS FINAIS

O Estado deve apoiar a mulher que sofre violência por seu parceiro, criando condições especiais de atendimento para essa situação, que geralmente é recorrente nos lares, tendendo a piorar com o passar do tempo ou quando apresentam agravantes como alcoolismo, dificuldades financeiras e problemas de desemprego (BRASIL, 2002). Os sujeitos do grupo necessitam de ajuda para superar impasses que obstam o seu crescimento, a sua vida plena, a satisfação de suas necessidades e o alcance de seus objetivos (AGUIAR, 1998). Desta forma, o Psicodrama representa um método de se alcançar as individualidades e de experiências em si mesmo transformadoras para uma ampla gama de situações que extrapolam o grupo terapêutico de consultório.

Os profissionais que dirigem um grupo de Psicodrama precisam observar a evolução desta mulher na comunidade e no seu lar para que outras estratégias da Rede de Atendimento à Mulher sejam oferecidas para o rompimento do ciclo da violência conjugal.

Conclui-se que o Psicodrama, como modalidade de intervenção frente às mulheres em situação de violência conjugal, permite preparação para um futuro em que sejam permitidas novas escolhas. Moreno, quando falava em uma nova ordem mundial, em saúde social, no homem como ser cósmico e sobre sua responsabilidade para com todo universo escreveu que um procedimento verdadeiramente terapêutico deve ter como objetivo toda espécie humana.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Para os profissionais de saúde, esta metodologia se configura numa perspectiva de compreensão, atendimento e cuidado com mulheres em situação de violência conjugal.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A.L.; FREITAS, C.S.F. Modos de cuidar em saúde pública: O trabalho grupal na rede básica de saúde. **Rev enferm UERJ**, v.17, n.3, p. 436-41, 2009.

AGUIAR, M. **Teatro espontâneo e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998.

ARAÚJO, M.F.; MATTIOLI, O.C. **Gênero e Violência**. São Paulo: UNESP, 2004.

BATISTA, M.A. Psicodrama e Educação. In: MARRA, M.M; FLEURY, H.J (Org.). **Grupo: Intervenção sócio-educativa e método sociopsicodramático**. São Paulo: Ágora, 2008.

BRASIL. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília (DF): Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2002.

FONSECA, F.J.S. **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. 3ª ed. São Paulo (SP): Ágora, 1980.

GROSSI, P.; WERBA, G. **Longe dos olhos, Longe do coração: Ainda a invisibilidade da violência contra a mulher**. Porto Alegre (RS): Edipucrs, 2001.

GULASSA, D. Vínculo e confiança em atendimento psicoterapêutico psicodramático grupal com presidiários. **Psicol cienc prof.**, v. 27, n. 2, 2007, p. 332-341.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. **Percepção e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher**. Pesquisa IBOPE/ Instituto Patrícia Galvão, 2009. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/docs/pesquisa_AVON_violencia_domestica_2009.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2010.

MARRA, M.M; COSTA, L.F. A pesquisa-ação e o sociodrama: uma conexão possível. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 12, n.1, p. 99-116, 2004.

MINAYO, M.C.S; SOUZA, E.R. É possível prevenir a violência?: reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, V. Grupo de encontro com mulheres vítimas de violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, v.4, n.1, p. 61-77, 1999.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



MORGADO, R. Mulheres em situação de violência doméstica: limites e possibilidades de enfrentamento. In: SIGNORINI, H; BRANDÃO, E. (Orgs.). **Psicologia jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau, 2004.

REDESAÚDE. **Informativo da Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos**. São Paulo, n. 23, 2001.

SOUSA, L.B, AQUINO, P.S; FERNANDES, J.F.P; VIEIRA, N.F.C; BARROSO, M.G.T. Educação, Cultura e Participação Popular: Abordagem no contexto da Educação em Saúde. **Rev enferm UERJ**, v.16, n.12, p. 107-12, 2008.